

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman  
Márcia Cristina Maesso  
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato  
Ana Giulia de Araújo Conte  
Aline Vidal Varela  
Muriel Romeiro da Costa e Silva  
Alessandra Carvalho Vieira da Silva  
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa  
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro  
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira  
**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

**Coordenação geral** : Thiago Affonso Silva de Almeida  
**Consultor de produção editorial** : Percio Savio Romualdo Da Silva  
**Coordenação de revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
**Coordenação de design** : Cláudia Barbosa Dias  
**Revisão** : Lara Andressa da Silva Carvalho  
**Diagramação** : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :  
subjetivações e cultura / (organizadores)  
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :  
Editora Universidade de Brasília, 2024.  
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

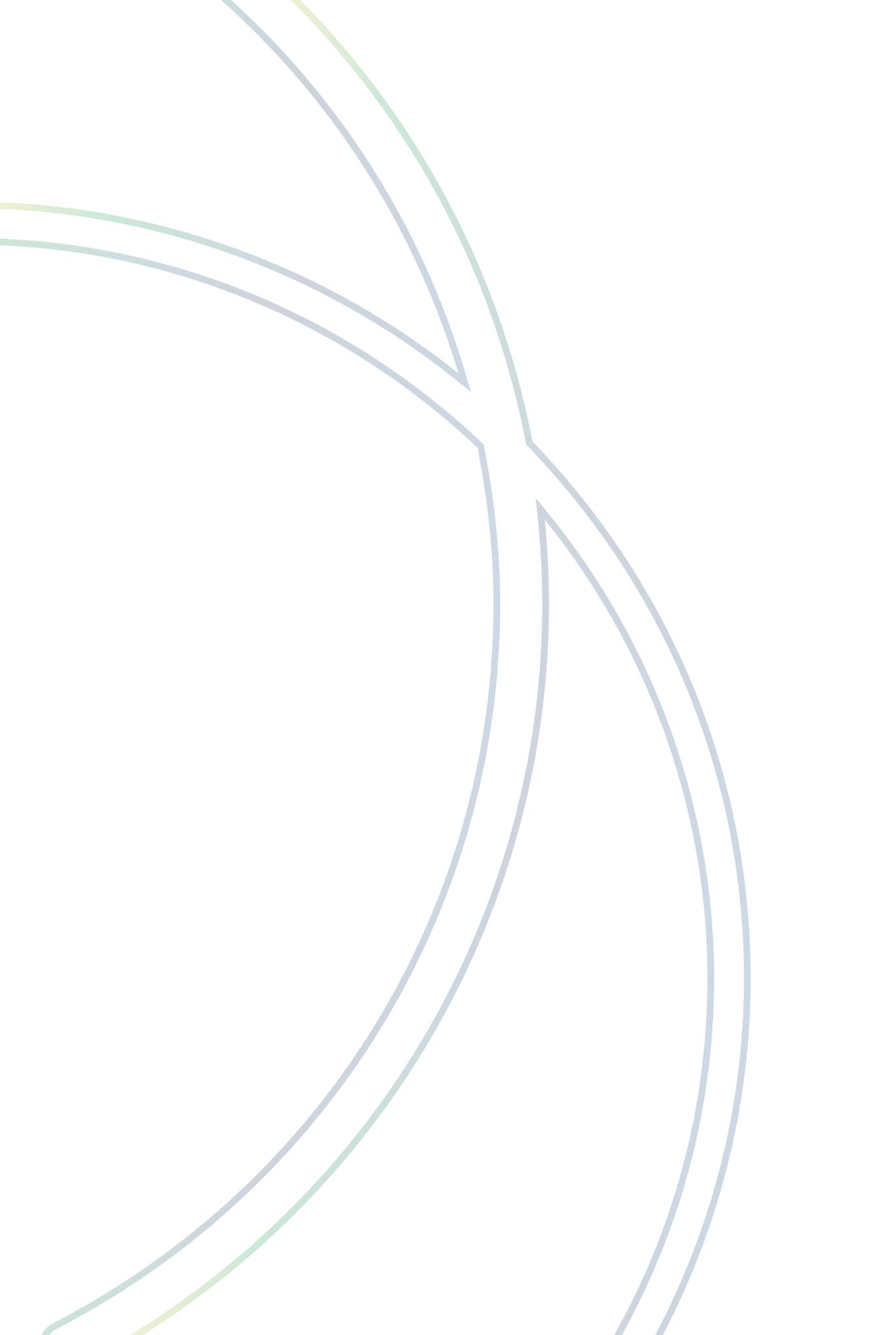
Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,  
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

---

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.





# Sumário

## **Apresentação 11**

## **Prefácio 13**

Miriam Debieux Rosa

### Parte I

## **Psicanálise e parentalidade**

### **Psicanálise e maternidade 21**

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

### **Parentalidade contemporânea 33**

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

### Parte II

## **Psicanálise e relações raciais**

### **Cabelo crespo e pele escura 47**

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

### **Violência, trauma e memória 57**

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

### **O racismo estrutural na transmissão psíquica 69**

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

### Parte III

## Psicanálise, arte, literatura e cultura

### Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

### Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

### A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

### Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

### Parte IV

## Psicanálise e trabalho feminino

### Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

### Parte V

## Psicanálise extramuros/ políticas públicas

### Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

### O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

## **Até o osso 159**

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

## **Parentalidade e saúde pública 173**

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

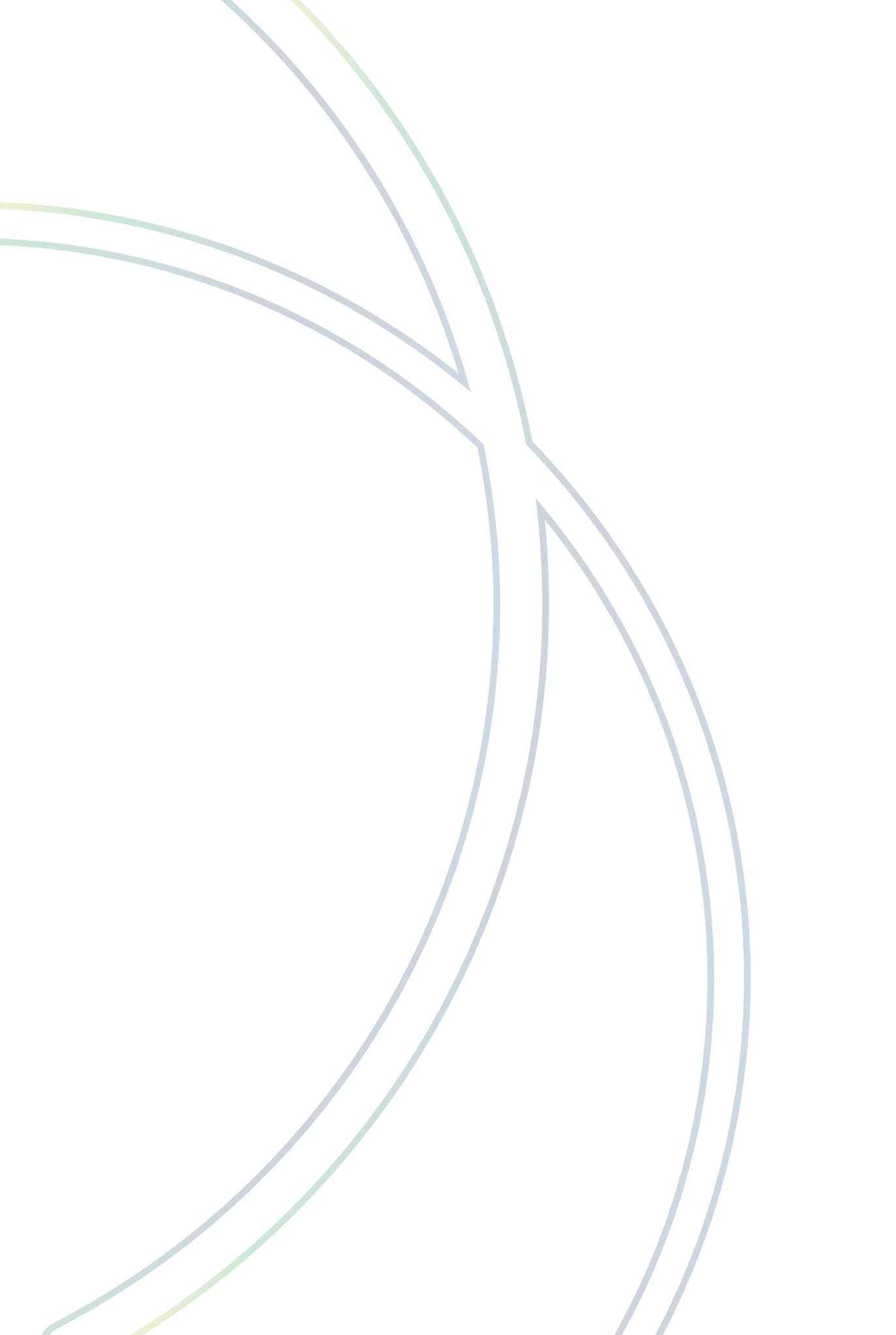
## **A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187**

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,  
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

## **Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199**

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

## **Sobre os autores e organizadores 211**



# Apresentação

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

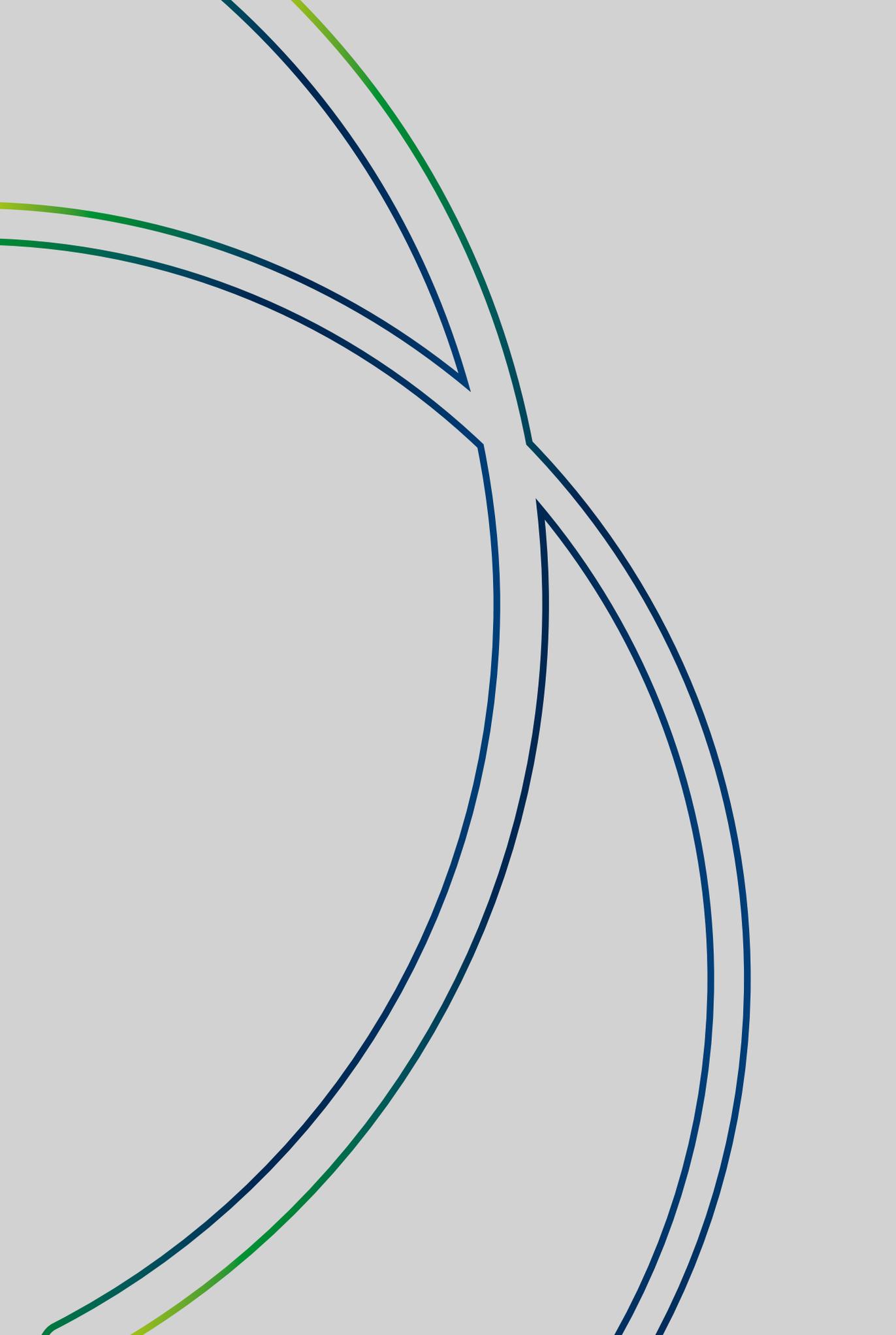
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

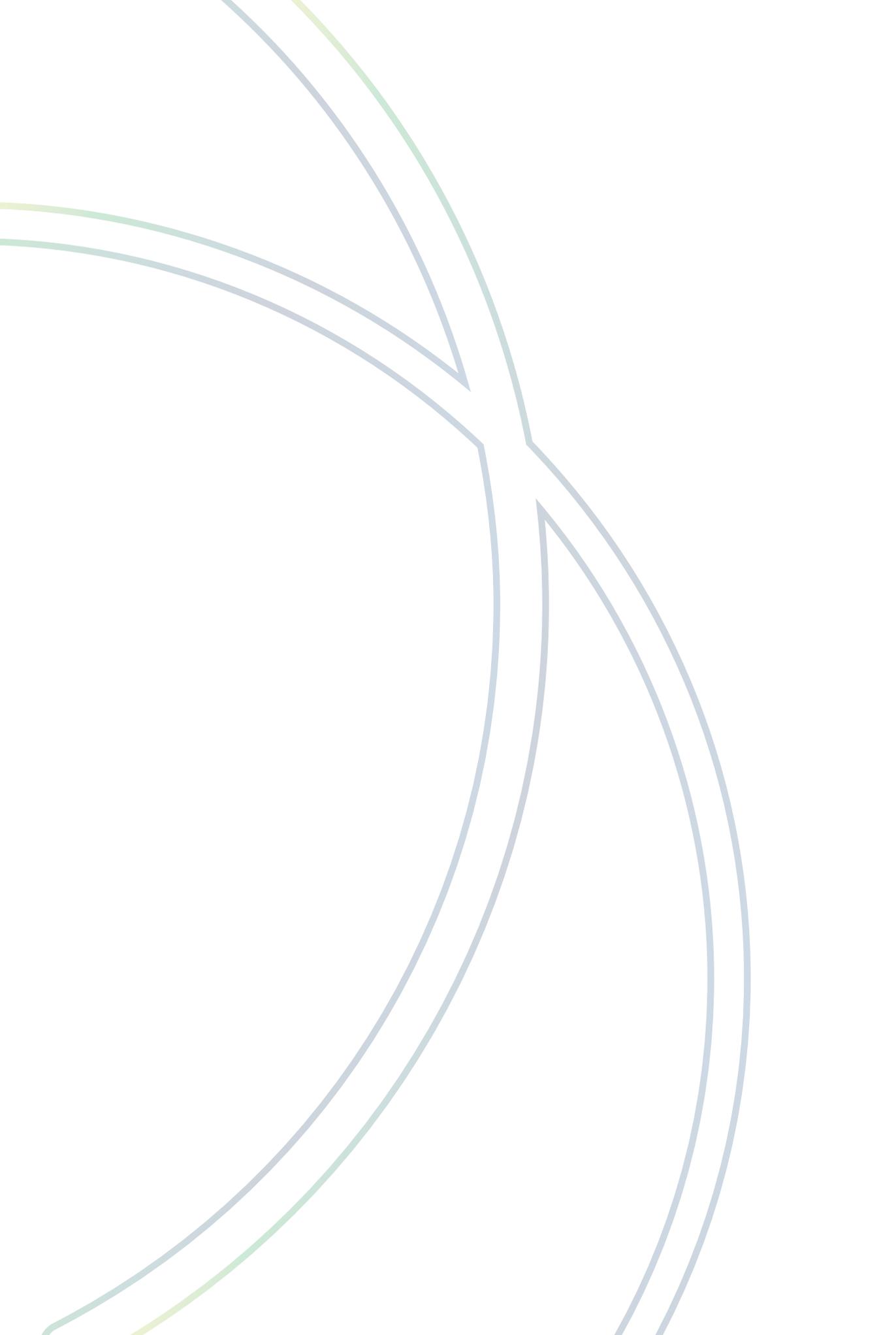
5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



# Psicanálise, arte, literatura e cultura

Parte III



# Maternidade: única saída para a feminilidade?

*Reflexões sobre o mito do amor materno em A filha perdida, de Elena Ferrante*

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa  
Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

O presente capítulo visa ilustrar os impasses da função materna para além da identificação com a lógica da boa mãe e com o mito do amor materno a partir da análise da obra *A filha perdida*, de Elena Ferrante (2016). Objetivou-se discorrer sobre a construção do mito do amor materno para repensar as saídas da feminilidade na sociedade contemporânea sob a luz da psicanálise de Freud e Lacan, e, então, correlacionar essa reflexão com a narrativa de Ferrante e de suas personagens na obra analisada.

## A construção do mito do amor materno

Pensar a maternidade aponta para múltiplas direções, uma vez que as construções e imagens que a palavra “mãe” evoca não são universais. Na contemporaneidade, no entanto, constrói-se um mito que totaliza a figura materna e a confere um aspecto sagrado, um mito ocidental<sup>6</sup> de mãe santificada ou boa mãe que fundamenta diversos imperativos sociais sobre o lugar e a função da mulher. Várias autoras (Badinter, 1985; Serrurier, 1993; Motta, 2015; Zanello, 2018) se debruçaram sobre essa temática, traçando contornos sobre aspectos de gênero, identidade e desejo.

“Ser mãe” e “ser mulher” são dois lugares que muitas vezes aparecem entrelaçados no imaginário popular. Contudo, como se constrói essa mitologia em torno da mãe? Qual relação há entre essa idealização materna e a organização social patriarcal vigente? É possível pensar a mulher para além da maternidade? Essas são algumas das questões

---

<sup>6</sup> A partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia e de novas organizações sociais, vários discursos (médico, político, filosófico e religioso) convergem para a exaltação do amor materno, a partir da necessidade de uma nova organização familiar, onde o cuidado dos filhos é conferido à mulher. Pelo imperativo da sobrevivência das crianças, a autoridade paterna é deslocada ao amor materno (Badinter, 1985).

propostas pelas autoras como ponto de partida para o presente artigo. Com base numa releitura sobre a construção do mito materno no Ocidente, analisou-se a obra *A filha perdida*, de Elena Ferrante, para pensar o lugar da mulher e os imperativos maternos que a sociedade moderna impõe.

O lugar de mãe como mulher casada com filhos é uma construção ainda recente, que remonta há aproximadamente três séculos, quando as novas organizações sociais burguesas, durante a Pós-revolução industrial, passaram a conferir às mulheres a responsabilidade pelo cuidado dos filhos por motivos econômicos. No entanto, essa mãe como personagem tridimensional, em relação ao homem e aos filhos, é um fato psicológico antigo. Desde a Antiguidade, textos sagrados hindus, como os Vedas, Bramanas e Sutas, concebem o pai como o chefe de família. Na Roma Clássica esse sistema perdurou, visto que a mulher possuía posição jurídica muito inferior ao homem (Badinter, 1985).

Com o avanço das ciências demográficas, o Estado passou a reconhecer a necessidade de mão de obra e do poder de guerra. A alta taxa de mortalidade infantil era um problema. Nesse contexto, a maternidade passou a ser exaltada como um dom da mulher, um serviço e um fim para a sua existência. Segundo Zanello (2018), uma sedução narcísica tratou de convencer a mulher, sem precisar obrigá-la, ao lugar exaltado da boa mãe e a se tornar esse ser mítico responsável pelos cuidados dos filhos. Esse discurso, que Zanello (2018) nomeia um “empoderamento colonizado”, sustenta a opressão de gênero e a diferença de papéis sociais.

Já com a industrialização, estabeleceu-se um modelo de divisão de gênero no trabalho, no qual a mulher é associada às práticas de cuidado, à geração e à criação dos filhos. Essa realidade social se instaurou a partir da luta dos sexos, na qual um exerce dominação sobre o outro. Badinter (1985) reconta a importância dos valores cristãos e da Igreja para a manutenção do patriarcado e do lugar de inferioridade que a mulher ocupa em relação ao homem.

Conforme a autora, apesar da mensagem de Cristo partir de um discurso igualitário, que marido e mulher deveriam ter direitos e deveres iguais em relação aos filhos,<sup>7</sup> o desenvolvimento e a manutenção da teologia cristã, a partir de suas raízes judaicas, reforçaram a autoridade do marido e a organização patriarcal da sociedade. Obras cristãs como Gênesis e Epístola aos Efésios de São Paulo influenciam bastante na representação de inferioridade feminina. Assim como outrora fez Aristóteles na Roma Antiga, São Paulo recomendava às mulheres a modéstia e o silêncio, proclamando que, assim como a Igreja era sujeita a Cristo, as esposas deveriam se assujeitar aos seus maridos.

---

<sup>7</sup> Como exemplo, na França do século XIII, que conferiu uma série de direitos às mulheres de classes superiores, com o desenvolvimento do direito romano, reduzindo significativamente a influência da Igreja e do direito canônico. Do século XVI ao XVIII, a autoridade paterna recuperou seu estatuto político e a posição de superioridade do homem foi legitimada. Há um essencialismo que confere à diferença sexual aspectos naturalizantes e ontológicos (Badinter, 1985).

Percebe-se que a carência ontológica da mulher, propagada desde a Idade Clássica com Aristóteles, é reforçada com a posição teológica que legitima a autoridade dos homens. No caso da França, por exemplo, esse poder é legitimado com o advento do Código Civil. Após o século XVIII, no período Napoleônico, o poder do marido é duplamente reforçado com o fundamento de invalidez da mulher e com a necessidade de uma direção única na família (Badinter, 1985).

De acordo com Motta (2015) e Serrurier (1993), os mitos fazem parte de nosso patrimônio cultural e o mito da “boa mãe” sempre foi eficaz para a manutenção dos costumes familiares e a distribuição de papéis conforme o gênero. Há um forte apelo à função biológica da maternidade para a construção do mito materno e, ainda que cada época apresente um modelo particular do que é ser mãe, esse modelo é defendido conforme os interesses sociais e econômicos. “A ideologia da maternidade vivida ainda em nossos dias confere a todas as mulheres a capacidade ‘natural’ de amar os filhos e deles cuidar, sem restrições” (Motta, 2015, p. 81).

O mito da “boa mãe”, segundo Serrurier (1993), é profundamente enraizado em nossa sociedade e prejudica as mulheres. A autora enfatiza a importância do mito para a estruturação familiar, sobretudo em seu caráter de negação do Nada e da morte, uma vez que ele segue agindo no sistema familiar sem considerar as mudanças sociais e subjetivas que a sociedade vivencia ao longo dos séculos. O que perdura no inconsciente desse grupo é a representação de uma maternidade toda, isto é, de uma mulher que é toda maternal, que existe apenas para os filhos – símbolo de abnegação e generosidade.

Outro aspecto curioso desse mito é a virgindade associada à imagem da mãe. Desde a Antiguidade, idealiza-se uma personagem materna coberta de virtudes, incluindo a virgindade, a única que com a gravidez poderia ser perdida. A veneração da mulher virgem confere também à mãe o ideal de pureza, de perfeição e de intocabilidade. Uma vez que a relação sexual segue na condição de tabu e de pecado para boa parte da população, a mãe virgem sustenta o lugar de castidade absoluta da mulher (Serrurier, 1993).

É a partir desse aspecto do mito que Serrurier (1993) defende um modelo feminino universal tão prejudicial a todas as mulheres. A mãe-toda não deixa espaço para que possa advir, para além do ideal, a subjetividade de cada mulher. Se há uma mãe boa, virgem e ideal, ela existe em detrimento de uma mulher que seja má, sexualizada, dividida e não-toda. Diante disso, questiona-se a partir da Psicanálise quais seriam as saídas possíveis para o feminino mediante o imperativo da maternidade no tópico a seguir.

### **Maternidade: única saída possível para a mulher?**

Os escritos de Freud sobre a feminilidade e a mulher são escassos e controversos. Ainda que boa parte do desenvolvimento de sua obra seja atribuída aos estudos provenientes da clínica com as histéricas, Freud só começou a mostrar algumas hipóteses mais exclusivas sobre o psiquismo feminino nos artigos de 1924 e 1925, *A dissolução*

do *Complexo de Édipo e Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, respectivamente.

No primeiro artigo, Freud (1976 [1924]) fala sobre o complexo de castração no menino a partir de uma etapa específica do Édipo, quando este perceberia na menina a falta do órgão genital. O medo da castração seria fundamental para que o menino internalizasse a Lei Paterna e se identificasse com o pai. No caso da menina, por já se ver castrada, a angústia seria proveniente da possibilidade de perda do amor parental. Freud introduz com isso o que viria mais tarde a ser compreendido como inveja do pênis (*Penisneid*). A menina substituiria o desejo de ter o pênis do pai (para compensar a sua condição castrada) com o desejo de lhe dar um filho e, mais tarde, de ter ela própria um filho.

No artigo *Sobre a sexualidade feminina*, Freud (2020 [1931]) discorre sobre a diferença do Complexo de Édipo na menina e no menino a partir da explanação do desenvolvimento psíquico pré-edípico na relação da menina com a mãe. Muitas das críticas que o autor recebe, em especial de feministas, como Irigaray (2017), partem de concepções abordadas nesse texto e se debruçam no fato de que Freud estaria atribuindo uma negatividade à mulher a partir de uma visão binária e anatômica.

Freud (2020 [1931]) usa termos como “superioridade do homem e sua própria inferioridade” (p. 291), “a menininha faz a descoberta de sua inferioridade orgânica” (p. 294), e, ainda, “quando a menininha, à visão do genital masculino, percebe seu próprio defeito” (p. 295) para explicar o que seria o desenvolvimento normal da feminilidade, isto é, a saída do Complexo de Édipo no qual a filha rivalizaria com a mãe e escolheria o pai como objeto de amor. Essa escolha terminológica é contraditória, uma vez que ao explicar a relação do pênis com o falo, Freud (2020 [1933]) está falando de posições simbólicas na linguagem e não de mera anatomia.

Freud (2020 [1931]; 2020 [1933]) também recorre à relação da filha com a mãe diversas vezes para explicar a feminilidade. Ele teoriza que há três orientações para o desenvolvimento da mulher a partir do Édipo: a neurose, a identificação com um caráter masculino e a posição masoquista ou feminina. A mãe (ou quem exercesse essa função) seria um eixo central para a saída feminina, pois a filha a culparia por “não tê-la concebido com um genital correto, isto é, por tê-la parido como mulher” (Freud, 2020 [1931], p. 296) e então poderia abandoná-la, entre outros desenganos, como objeto amoroso principal.

Para Irigaray (2017), se a inveja parte do órgão masculino, então Freud reproduz uma lógica hierárquica na qual o homem é superior à mulher a partir de sua anatomia. O autor não pensaria a mulher a partir de suas próprias especificidades, mas a partir do corpo do homem, assim, haveria um só sexo em questão – o masculino. Para a autora, é necessário que a mulher fale de si em seus próprios termos, para além dos significantes fálicos aos quais a Psicanálise está habituada a discursar.

É importante ressaltar o contexto histórico no qual Freud escreve essas teorias, como pontua Irigaray (2017) ao considerar a Era Vitoriana, as fortes repressões sexuais, a criminalização da homossexualidade e a tendência biologizante de tomar a anatomia

como verdade científica. Freud está inserido num contexto cultural que possivelmente o faz atribuir o “brincar com boneca” a uma preferência feminina, sem considerar a influência social sobre isso e os papéis de gênero que anos depois seriam problematizados por Butler (2016). Sugerindo que a maternidade seria a saída normal para o desenvolvimento psíquico feminino, Freud (2020 [1933]) corrobora com a estrutura patriarcal de seu tempo.

Ainda assim, suas considerações foram muito relevantes para que o gênero pudesse ser pensado para além do sexo biológico. Antes que Beauvoir (1967, p. 9) pudesse contribuir com o famoso aforismo “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Freud (2020 [1933], p. 318) deixou claro que a mulher não é determinada por sexo anatômico: “encontramos muito o que estudar nesses indivíduos humanos que, por possuírem genitais femininos, são caracterizados, manifesta ou predominantemente, como femininos”, afirmando que não cabe à Psicanálise dizer o que a mulher é, uma tarefa quase impossível, mas sim “pesquisar como ela se torna mulher”.<sup>8</sup>

Lacan abre ainda mais o conceito de feminilidade, pois não esgota a temática feminina e a coloca no campo da linguagem. No retorno a Freud, ele retoma a noção de falta mas, sobretudo, não se limita à teoria do falo. Segundo Quinet (2012, p. 59), “Lacan formulou a partilha dos sexos não a partir do atributo peniano que dividiria os seres em portadores ou privados do pênis, mas a partir da função fálica”. Ou seja, para além de uma condição anatômica, as posições, feminino e masculino, estão relacionadas a sua entrada no campo da linguagem.

Ainda que Lacan (1972), assim como Freud (2020), não consiga (e nem pretenda) responder a todas as questões acerca do feminino, ele apresentou grandes contribuições ao seu enigma. Em *O aturdito*, ele vai além do que de fato é o falo e trabalha a noção de desejo e de gozo. Aqui, não ousaremos nos debruçar sobre todos os conceitos trabalhados na obra, mas de fato o que nos interessa é que Lacan se aproxima de uma grande característica que distingue a posição feminina, o gozo feminino.

Na medida em que Lacan não abre mão da hipótese de que a mulher, se assim quiser, ao optar pela maternidade, pode então ocupar uma posição fálica, ter o filho estaria relacionado ao gozo fálico e não ao gozo feminino, “o gozo fálico, como gozo do Um, é gozo localizado, limitado e fora do corpo” (Soler, 2005, p. 36). Eis aqui o impasse. A maternidade, então, poderia deixar de fora o gozo feminino? Uma vez que “ser mãe” é ocupar uma posição fálica e, portanto, masculina, onde se pode localizar o “ser mulher”? Colette Soler vai nesta direção:

o ser mãe resolve essa falta através do ter, sob a forma do filho, substituto do objeto fálico que lhe falta. No entanto, o ser mulher da mãe não se resolve inteiramente no ter fálico substitutivo, como afirmei. Justamente na medida

---

<sup>8</sup> É válido questionar de que forma também o “tornar-se mulher” diz respeito a uma mitologia que confere ao feminino um estatuto mediante um homem, à maternidade ou mesmo a outras mulheres. Para Wittig (1992), para quem o humano deve ser considerado para além de toda categoria sexual, deve se fazer de tudo para não se tornar mulher.

em que seu desejo diverge para o homem, é mais a ser ou a receber esse falo que a mulher aspira: a sê-lo, através do amor que faliciza, e a recebê-lo, por intermédio do órgão com que ela goza, mas, nos dois casos, ao preço de não o ter. Pobreza feminina! (Soler, 2005, p. 100).

Assim, Soler avança sobre a ideia de que o “ser mulher” não encontra saída pela via da maternidade e tampouco pelo enigma do feminino, conceito este inesgotável. Ao pensar o feminino, a Psicanálise, sobretudo a lacaniana, determinou o conceito como “não-todo”, uma vez que não há um significante único capaz de se inscrever no inconsciente que contemple e nomeie o que é “ser mulher” em sua totalidade.

A ideia da mulher “não-toda” opera como um saber furado e inesgotável, mas que possibilita inúmeras construções e possibilidades a partir disso. Na tentativa de mostrar que a busca do “ser mulher” no encontro com a feminilidade se trata de um processo inventivo, lançamos mão de uma reflexão a partir da obra *A filha perdida*, de Elena Ferrante (2016).

### **Ser mulher ou ser mãe? Impasses da função materna em *A filha perdida***

Ideais de como ser mãe, e como exercer essa função, são ensinadas ao longo de diversas gerações e impostos pelas mais diferentes culturas, mas no Ocidente, como afirma Badinter (1985), a maternidade ideal, que é ratificada pela Igreja, estaria relacionada a uma imagem de sacrifício e de abdição em nome dos filhos e da manutenção da família.

A maternidade torna-se, então, um papel gratificante, pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa “nobre função”, com um vocabulário tomado da religião (evoca-se frequentemente a “vocaçãõ” ou o “sacrifício” materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se cria o hábito de pensar que toda boa mãe é uma “santa mulher”. A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho (Badinter, 1985, p. 223).

Tal construção da maternidade, como um lugar santo e de devoção absoluta, contribui para o silenciamento da mulher e de seu próprio desejo. Melhor dizendo, a função materna barra, em alguma medida, um ideal de feminilidade. No romance *A filha perdida*, de Ferrante (2016), é possível reconhecer os impasses da função materna para além da identificação com a lógica da boa mãe e do mito do amor materno. A obra traz luz para o debate sobre a representação da mulher na sociedade e suas escolhas, não somente como mãe.

A personagem que nos guia a uma reflexão sobre a maternidade com questões ambivalentes, é Leda, uma professora universitária e intelectual com quase cinquenta anos. A esta altura, ela já se vê, de certa maneira, livre das obrigações maternais, uma vez que suas duas filhas já são adultas e moram em Toronto, no Canadá. “Senti-me milagrosamente desvinculada, como se um trabalho difícil, enfim concluído, não fosse mais um peso sobre meus ombros” (Ferrante, 2016, p. 8).

Na trama, Leda resolve passar as férias de verão sozinha, em uma praia no litoral da Itália. A professora, que busca um local tranquilo onde possa ler e descansar, encontra na cidade de veraneio, no entanto, outras figuras que a fazem revisitar memórias de sua maternagem. A professora visita a mesma praia que outra grande família napolitana escolheu para passar as férias. A família, curiosa e barulhenta, causava certa repulsa na personagem. Mas duas figuras dentro dessa dinâmica familiar causavam fascínio. Uma jovem mãe e sua filha: Nina e Elena.

Leda assiste diariamente, durante as férias na praia, como Nina e Elena brincam e se relacionam. A menina, que tinha uma boneca, brinca de ser mãe e cuida de Nani (a boneca) com zelo e com um cuidado devocional. Os cuidados da menina Elena com sua boneca eram resultado, podemos assim dizer, do que foi aprendido e/ou reproduzido do que é ser mãe. Elena, brincando, reproduz o que sua mãe faz na tentativa de ser a boa mãe. Como Zalberg (2003) nos bem lembra em seu livro *A relação mãe e filha*, “a criança procura identificar-se com esse ‘algo’ que a mãe deseja, sem mesmo saber o que é”. A Mãe, filha e a boneca, eram inseparáveis.

A boneca da criança Elena tem um papel fundamental no desenrolar da trama, mas é a identificação da personagem Leda com Nina, a jovem mãe que conheceu na praia, e as memórias que esse encontro faz emergir, que aqui nos interessa. São os efeitos desta identificação que são capazes de ilustrar a ambiguidade presente na maternidade, ou nas palavras das respectivas personagens, a sensação de “desnorteamto” e “despedaçamento” (Ferrante, 2016, p. 145) do que é ser mãe.

Algo em Nina, para além da maternidade, escapa, e é isso que em Leda traz identificação e fascínio. Nina vive sua maternidade, mas também sua sexualidade e o frescor da juventude. Ela representava “o seu papel de mãe jovem e formosa” e, ainda assim, era uma mãe presente e zelosa para a filha. Já Leda havia deixado suas filhas quando crianças aos cuidados do pai para apostar em sua carreira profissional e em seu próprio desejo, ficando ausente por três anos: “eu fui embora. Abandonei-as quando a maior tinha seis anos e a menor, quatro” (Ferrante, 2016, p. 83).

Leda, durante o período em que fica ausente, faz o caminho inverso ao que se propõe a ideia da mãe suficientemente boa, bem como à figura da mãe que abdicou dos seus prazeres e realizações em prol da família e filhos. Leda aposta em seu próprio desejo e opta por viver sua carreira e sexualidade, sem as barreiras e compromissos da maternidade. Até certo ponto ou, pelo menos, durante o período que julgou ser importante, mas em contrapartida foi julgada como uma mãe que não ama suas filhas, afinal de contas:

a falta de amor é, portanto, considerada como um crime imperdoável que não pode ser remido por nenhuma virtude. A mãe que experimenta tal sentimento é excluída da humanidade, pois perdeu sua especificidade feminina. Meio monstro, meio criminosa, tal mulher é o que poderíamos chamar de ‘erro da natureza’ (Badinter, 1985, p. 275).

Mas, ainda assim, Leda se permitiu ser mulher, para além do ser mãe. E é esse o desejo que ela reconhece também na jovem mãe, Nina. A decisão de Leda revela que a sua função enquanto mãe não poderia ser sua única realização e, para dar conta de um desejo feminino (algo que lhe faltava, mesmo sem saber o que de fato era), ela cede das obrigações do ser mãe. Ela constrói, ao seu modo, uma saída possível.

Segundo Soler (2013, p. 128), a aposta no desejo feminino cria uma ausência na função materna, “na medida em que é mulher, a mãe não é toda para seu filho”. Assim, o amor materno em sua completude e devotamento absoluto se torna um mito. Bem dizendo, há de se tornar! Pois sabemos da importância da barra que separa a mãe de sua criança e a castra para a constituição do sujeito.

Repensar a maternidade como única saída para a realização feminina é aqui nossa questão central. Em *A filha perdida*, Ferrante nos apresenta personagens femininas com impasses na feminilidade, sexualidade e maternidade. Afinal de contas, são mulheres que questionam a abdicção de carreiras, escolhas e desejos em prol da constituição da família. É um convite para repensar: na medida em que se é mãe, a mulher é não-toda?

Soler (2013, p. 38) em *O que Lacan dizia das mulheres*, afirma, ainda, que para a mulher lhe resta algo que não se conclui, pois “no essencial, porém, o dom do filho só raramente permite fechar a questão do desejo”. Ou seja, ao contrário da construção do mito do amor materno em que a maternidade é colocada como algo “instintivo” e a mulher só encontra completude e satisfação na função materna, é possível dizer que a mulher permanecerá incompleta.

A construção do mito do amor materno sustentou, geração após geração, a falsa ideia de uma plenitude alcançada com os sacrifícios do maternar. Contudo, Leda e Nina, as personagens de Ferrante, apostaram na falta e na incompletude. Desmistificaram a maternidade como única fonte de felicidade e realização e mostraram que as alegrias de ser mãe não eram suficientes.

É estar diante desses impasses do desejo de ser e de maternar que faz com que as personagens nomeiem as sensações que lhes acompanham de “desnorreamento” e de “despedaçamento”. A maternidade e a feminilidade passam a ser um processo inventivo, e em seus processos pessoais, as personagens tentaram responder “O que quer uma mulher?”, pergunta essa que a função materna não pode deixar se apagar.

### Considerações finais

Ao longo de uma análise histórica a partir da sociedade ocidental, foi possível evidenciar uma tentativa permanente de delimitar o que é a mulher e qual sua função social e política, atrelando a ela o “destino” de gerar, cuidar dos filhos e de atuar na manutenção da família. Percebeu-se com isso que, especialmente a partir da Revolução Industrial, com o advento de novas configurações de trabalho e de família, reforçou-se uma antiga disputa entre os sexos, inserida numa lógica patriarcal, na qual o homem deve ter soberania e poder sobre

a mulher, a quem cabem os cuidados da família a partir de uma leitura anatômica e biologizante sobre o que seria a função do feminino na cultura.

A narrativa difundida com o cristianismo, ao atrelar a maternidade ao sagrado e a mulher a uma submissão ao marido, fortaleceu ainda mais esse ideal de maternidade e servidão voluntária a ser atingido pela mulher perante a sociedade. A “Sagrada Família” e a “Virgem Maria” tornaram-se referenciais nesta realidade social, sobretudo para a mulher, a quem a maternidade se torna um imperativo e uma questão de identidade e de reconhecimento.

Nesta direção, coube-nos questionar o que restava então para a mulher e se a sua realização se daria apenas pela via da maternidade. Na tentativa de responder a essas questões, investigando saídas para o feminino para além da maternidade, debruçamo-nos sobre algumas contribuições psicanalíticas ao tema em Freud e em Lacan. A partir disso, com a reflexão sobre os impasses da maternidade e do desejo feminino em *A filha perdida*, as personagens de Ferrante nos fizeram mergulhar na ambivalência do que é o maternar e se, dentro de um ideal social da mãe-toda, existiria espaço para “ser mulher” e se dedicar aos seus desejos que não são maternais.

Considerando o contexto histórico em que Freud formulou sua teoria acerca da sexualidade e se dedicou aos estudos sobre o feminino, percebeu-se a influência que o modelo patriarcal de família teve em algumas colocações do autor sobre a distinção anatômica dos sexos. Mas apesar de sua teoria, até certa medida, ter reforçado os discursos patriarcais de sua época, ao sugerir a maternidade como destino para a mulher, a importância e a grandiosidade do trabalho de Freud são incontestáveis. Suas contribuições ampararam os futuros estudos acerca da mulher, uma vez que não esgotou tal temática e ainda abriu um olhar atento ao feminino como enigma.

Lacan, em sua releitura de Freud, contribuiu ao distinguir a teorização da mulher (identidade) e a do feminino (posição). Para além da diferença anatômica, Lacan vai em direção a uma diferenciação do masculino e do feminino como uma posição no campo da linguagem. Sua teoria conseguiu especificar o que seria, até então, a maior diferença na posição feminina: o gozo feminino. Uma singularidade.

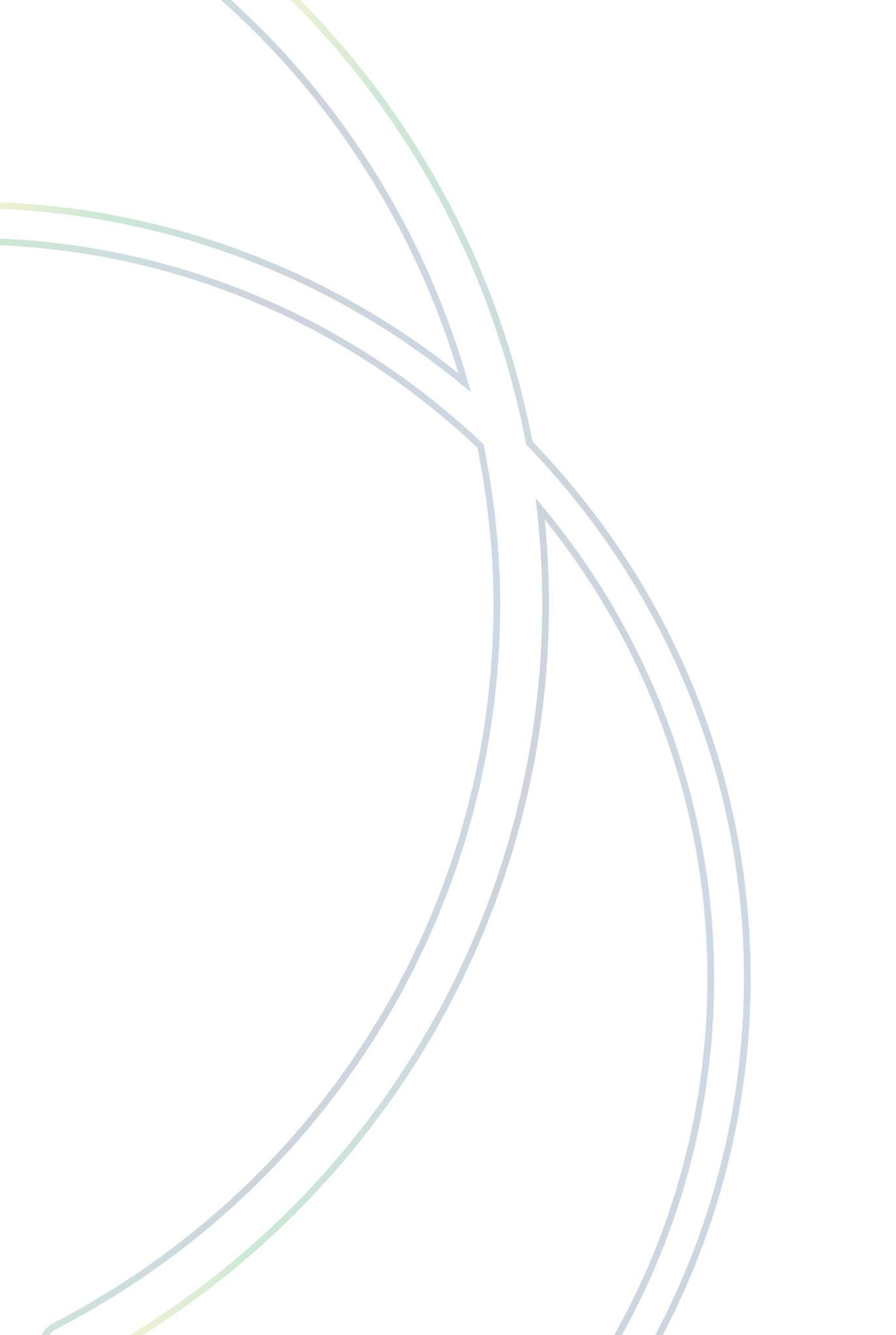
Foi, sobretudo a partir das formulações de Soler (2005) e Quinet (2012) sobre a teoria lacaniana que se tornou possível entender o desejo de “ser mãe” como, primordialmente, um gozo fálico (o que aqui nos remete à Freud), e não como um gozo feminino. Ou seja, Lacan, sem a pretensão de concluir acerca do feminino e da mulher, não exclui a teoria freudiana sobre a falta, mas avança sobre ela. O que ele propôs foi a necessidade de repensar a ideia da maternidade como único destino para a mulher, pois somente ela não daria conta de responder a complexidade da questão acerca de seu desejo.

A obra de Ferrante (2016), na mesma direção, permitiu percorrer a ideia de que o desejo da mulher é de uma dimensão diferente, que está para além da maternidade, assim como a teoria psicanalítica que propõe pensar a temática do feminino como inconclusiva e enigmática. Com isso, não se pretendeu dar um fechamento sobre o desejo feminino, mas, sim, levantar questões acerca de como o mito do amor materno limita as mulheres.

Leda e Nina, personagens da obra, mostraram-nos outras representações do “ser mãe”. Exerceram a maternidade, dentro de suas limitações, mas sem abrir mão de um desejo feminino (mesmo que sem a noção do que de fato se tratava na singularidade de cada uma). *A filha perdida* nos apresentou mulheres não-todas, cientes de uma falta e dentro de um processo inventivo para exercer a maternidade, e, em alguma medida, dar conta de um desejo outro.

### Referências

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. ed. Difusão Europeia do Livro, 1967, v. 2.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FERRANTE, Elena. *A filha perdida*. Tradução: Marcello Lino. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 19, p. 215-224.
- FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 19, p. 301-320.
- FREUD, Sigmund. Sobre a Sexualidade Feminina (1931). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica, 2020.
- FREUD, Sigmund. A feminilidade (1933). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica, 2020. 1936
- IRIGARAY, Luce. *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher*. São Paulo: Senac, 2017.
- LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MOTTA, Maria. *Mães abandonadas: a entrega de um filho à adoção*. São Paulo: Cortez, 2015.
- QUINET, Antonio. *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- SERRURIER, Catherine. *Elogio às mães más*. São Paulo: Summus, 1993.
- SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- WITTIG, Monique. *The straight mind and other essays*. Boston: Beacon Press, 1992.
- ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2003.
- ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.



# Sobre os autores e organizadores

**Alessandra Carvalho Vieira da Silva.** Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alessandravcs@gmail.com](mailto:alessandravcs@gmail.com)

**Alexandre Staerke Vieira de Rezende.** Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: [alexandre.staerke@gmail.com](mailto:alexandre.staerke@gmail.com)

**Aline Vidal Varela.** Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: [alinevidalpsi@gmail.com](mailto:alinevidalpsi@gmail.com)

**Alvinan Magno Lopes Catão.** Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alvinanmagno@gmail.com](mailto:alvinanmagno@gmail.com)

**Amanda Soares Dias.** Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [diasam.asd@gmail.com](mailto:diasam.asd@gmail.com)

**Ana Giulia de Araújo Conte.** Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: [giulia\\_conte@hotmail.com](mailto:giulia_conte@hotmail.com)

**Ana Isabel Pereira.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: [anaisabelpsi@outlook.com](mailto:anaisabelpsi@outlook.com)

**Antônio Trevisan.** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

**Carla Sabrina Xavier Antloga.** Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

**Cintia da Silva Lobato Borges.** Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

**Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato.** Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

**Daniela Scheinkman** Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

**Eduardo Ribeiro Vasconcelos.** Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo\_vasconcelos82@hotmail.com

**Eduardo Portela.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

**Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista.** Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

**Elzilaine Domingues Mendes.** Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine\_mendes@ufcat.edu.br

**Fabrcio Gonalves Ferreira.** Psic3logo. Mestrando do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

**Fernanda Guerra Roman N3ufel do Amaral.** Psic3loga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Bras3lia (UnB) e p3s-graduanda em Psican3lise com Crianas e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educa3o (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

**Guilherme Henderson.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Cl3nica e Cultura pela Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universit3rio de Bras3lia (UniCEUB). Membro da Associa3o Lacaniana de Bras3lia (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

**Hugo Martins Gomes da Silveira.** Psic3logo pela Universidade de Bras3lia (UnB). Pesquisador de Percep3o de Qualidade em Presta3o de Servios. Pesquisador de Sa3de Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

**Igo Gabriel dos Santos Ribeiro.** Psic3logo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

**Ingrid Fernandes dos Santos.** Psic3loga pela Universidade de Bras3lia (UnB). Mestranda em Psicologia Cl3nica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Bras3lia. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

**Ingrid Mello Pereira Soti.** Psic3loga. Educadora em Diabetes pela Associa3o Nacional de Aten3o ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura na Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

**Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa.** Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Funda3o Mineira de Educa3o e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psican3lise dos F3runs do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do F3rum do Campo Lacaniano de Bras3lia. Contato: isafane.c@gmail.com

**Jean-Michel Vivés.** Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

**Jéssica Nayara Cruz Pedrosa.** Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

**Joyce Juliana Dias de Avelar.** Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

**Juliano Moreira Lagoas.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

**Laene Pedro Gama.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

**Lara Gabriella Alves dos Santos.** Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

**Katia Cristina Tarouquella Brasil.** Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

**Márcia Cristina Maesso.** Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

**Marco Antônio Coutinho Jorge.** Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

**Melissa Souza Silva.** Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

**Muriel Romeiro da Costa e Silva.** Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

**Nelson de Abreu Júnior.** (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

**Patrícia da Cunha Pacheco.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

**Renato Palma.** Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

**Roberto Medina.** Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

**Samuel Ted Almeida de Pereira.** Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

**Valéria Brisolara.** Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: [valeriabrisolara@gmail.com](mailto:valeriabrisolara@gmail.com)

**Vanessa Correa Bacelo Scheunemann.** Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: [vcbscheunemann@gmail.com](mailto:vcbscheunemann@gmail.com)

**Valéria Machado Rilho.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: [valrilho@gmail.com](mailto:valrilho@gmail.com)

**Vitor Luiz Neto.** Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: [vitorluiz.neto@gmail.com](mailto:vitorluiz.neto@gmail.com)

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# INTERFACES EM PSICANÁLISE

## Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia